

A inserção da mulher nos setores de atividade econômica dos mercados de trabalho metropolitanos: reafirmando as desigualdades

Patrícia Lino Costa*
Sirlei Márcia de Oliveira**

O aumento dos números referentes à participação de mulheres na População Economicamente Ativa (PEA) não se traduz, necessariamente, em motivo para comemoração. É verdade que as mulheres têm, cada vez mais, ocupado um espaço significativo no mercado de trabalho, porém uma análise mais profunda sobre essa crescente inserção revela a persistência de desigualdades em relação à condição masculina no que diz respeito às oportunidades, aos rendimentos e à qualidade de emprego.

Os baixos rendimentos e a diminuição da qualidade do vínculo trabalhista observadas para ambos os sexos são decorrentes, principalmente, da falta de crescimento da economia e da maior flexibilização das relações de trabalho. Todavia os dados indicam que as mulheres, além desses problemas gerais, enfrentam, ainda, preconceitos relativos ao sexo feminino, sendo absorvidas, em sua grande maioria, por setores de atividade econômica em que o vínculo trabalhista é frequentemente mais frágil — comércio e serviços —, além de, muitas vezes, ocuparem postos na condição de autônomas ou assalariadas sem carteira. O setor serviços domésticos, por exemplo, atividade predominantemente feminina, exibe uma flagrante fragilidade pela dificuldade de acesso aos direitos trabalhistas plenos, apresentando baixa taxa de sindicalização. O trabalho nesse segmento, realizado em âmbito doméstico, faz com que as trabalhadoras sejam excluídas de maior contato com as demais profissionais de sua categoria, o que impede a mobilização e a melhoria das condições de trabalho.

Visando contribuir nessa discussão, o presente artigo apresenta a configuração da inserção feminina nos diversos setores e ramos da atividade econômica, com base nos dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), realizada pelo convênio DIEESE, SEADE e MTE/FAT, em parceria com governos estaduais e entidades regionais, em três regiões metropolitanas: São Paulo, Porto Alegre e Salvador.¹ As informações levantadas referem-se ao ano 2001 para todas as regiões.

1 - A inserção da mulher nos setores e ramos de atividade econômica

A presença feminina no mercado de trabalho brasileiro nas décadas de 80 e 90 caracteriza-se por uma profunda desigualdade. Apesar do aumento da taxa de participação das mulheres na PEA, aproximando seu patamar ao da taxa masculina, esta última continua sendo mais elevada. Dados das regiões metropolitanas analisadas no ano 2001 apontam que as taxas da participação feminina estão em torno de 50%, sendo as mais altas em Salvador (54,8%). Para os homens, as taxas de participação variam entre 68,5% (Porto Alegre) e 72,9% (São Paulo).

* Mestre em Economia, Técnica do DIEESE e Professora das Faculdades Associadas de São Paulo (FASP).

** Doutoranda em Sociologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Técnica do DIEESE. As autoras agradecem a Edgard Rodrigo Fusaro e a Ana Paula Queiroz Sperotto pelo processamento dos dados da PED.

¹ Os convênios regionais são: em Porto Alegre, FEE, FGTAS/SINE-RS e apoio PMPA; em São Paulo, DIEESE/SEADE; e em Salvador, SEI/SETRAS/UFBA.

A desigualdade aparece também nas oportunidades de inserção ou reinserção das mulheres no mercado de trabalho, dado que as taxas de desemprego são sistematicamente maiores para as mulheres do que para os homens. No ano 2001 a diferença percentual das taxas de desemprego entre ambos os sexos foi de 21% ao ano, em Salvador, 40% em São Paulo e alcançando 48% em Porto Alegre.

A atuação das mulheres no mercado de trabalho concentra-se em postos tradicionalmente femininos, que, de forma geral, apresentam menor qualidade do que os postos masculinos. Os percentuais referentes às mulheres ocupadas e alocadas nos principais setores de atividade econômica apontam sua maior presença no setor serviços, com pouca participação na indústria, onde tradicionalmente estão os melhores salários e melhores condições de trabalho. Neste estudo, por razões metodológicas, considerou-se os serviços domésticos, nicho de trabalho tipicamente feminino, em separado do setor serviços.

A redução da participação de homens e mulheres na indústria está provavelmente associada à eliminação de postos de trabalho, em decorrência da reestruturação produtiva em curso desde a abertura da economia. Como consequência das baixas taxas de crescimento econômico no Brasil, observa-se, no período recente, um maior contingente de trabalhadores de ambos os sexos no setor serviços, em comparação ao setor indústria. Essa mudança acarreta maior número de vínculos empregatícios não-formais e menores rendimentos, características básicas das ocupações em serviços e no comércio, em detrimento dos benefícios associados ao emprego com carteira assinada e aos maiores rendimentos, encontrados tradicionalmente na indústria.

Nas Regiões Metropolitanas de São Paulo e Porto Alegre, no ano 2001, cerca de 15% das mulheres ocupadas trabalhavam na indústria, sendo que esse percentual era expressivamente menor em Salvador (4,6%). Considerando-se o total de homens ocupados nesse mesmo período, o percentual sobe para 23% em São Paulo e Porto Alegre e para 10,9% em Salvador, o que aponta a baixa industrialização da região metropolitana baiana (Tabela 1).

O setor comércio, por sua vez, apresenta uma faceta mais democrática no que concerne à contratação de homens e mulheres. Considerando-se todas as regiões, estão alocadas nesse setor cerca de 15% do total de ocupadas. Para o total de ocupados do sexo masculino, são registradas taxas bastante semelhantes, cerca de 17%.

O setor serviços absorve quase a metade do total dos ocupados, considerando-se homens e mulheres. Dentre o total de mulheres ocupadas, a proporção que se encontra inserida nesse setor se situa entre 50,2% em São Paulo e 57,0% em Salvador. No que se refere aos homens ocupados, essa proporção é de 49% (São Paulo e Porto Alegre) e 58,8% (Salvador).

Os serviços domésticos apresentam alto índice de ocupação por parte da população feminina, sendo mesmo superior à indústria e ao comércio em algumas regiões. Em Salvador, 21,7% das mulheres ocupadas trabalham como domésticas; em São Paulo, esse percentual é de 18,6%; e, em Porto Alegre, de 16,1%. Esse setor representa um nicho de trabalho tipicamente feminino, visto que menos de 2% dos ocupados do sexo masculino exercem atividades domésticas. São inúmeros os problemas apresentados por esse tipo de trabalho, desde a reduzida taxa de contratações com vínculo formal de trabalho até a baixa sindicalização, o que impossibilita o acesso aos direitos básicos garantidos por lei e limita a ação sindical.

Nos ramos de atividade industrial, durante o ano 2001, do total de ocupadas, um contingente maior de mulheres trabalha na indústria têxtil e de vestuário, principalmente em São Paulo (5,1%) e Porto Alegre (8,6%). Em Salvador, essa taxa é de apenas 1,4%. O complexo metal-mecânico responde, em São Paulo, por 3,2% das ocupadas e, em Porto Alegre, por 1,7%. Segue-se, em importância, a presença feminina na indústria química, apresentando, em relação ao total da população feminina ocupada, o percentual de 2,1% em São Paulo e de 1,3% em Porto Alegre. Por fim, apresenta alguma expressão na absorção de mulheres o ramo alimentício (0,9% em ambas as regiões). A população masculina concentra-se no complexo metal-mecânico, principalmente em São Paulo (10,6%) e Porto Alegre (7,5%). Em Salvador, 3,3% dos ocupados do sexo masculino atuam na indústria química e da borracha, enquanto 2,0%, na metal-mecânica.

Tabela 1

Distribuição percentual dos ocupados, por sexo, setor e ramo de atividade econômica em regiões metropolitanas selecionadas — 2001

SETORES E RAMOS DE ATIVIDADE ECONÔMICA	MULHERES			HOMENS		
	Porto Alegre	Salvador	São Paulo	Porto Alegre	Salvador	São Paulo
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	15,4	4,6	15,0	23,2	10,9	23,7
Metal-mecânica	1,7	(1)-	3,2	7,5	2,0	10,6
Química e borracha	1,3	(1)-	2,1	2,6	3,3	2,6
Vestuário e têxtil	8,6	1,4	5,1	5,4	(1)-	2,2
Alimentação	0,9	(1)-	0,9	1,7	1,9	1,6
Comércio	15,6	15,7	15,2	16,7	17,5	17,0
Serviços	52,5	57,0	50,2	49,8	58,8	49,1
Limpeza	3,5	3,9	3,5	6,2	5,9	5,5
Administração e utilidades públicas	6,4	8,4	3,7	8,4	10,8	5,6
Creditícios	1,8	1,8	2,7	1,5	1,4	2,0
Alimentação	5,2	7,7	5,6	3,5	5,1	5,2
Educação	8,8	12,1	6,6	2,0	2,8	1,4
Saúde	7,3	7,4	6,8	1,8	2,5	1,9
Serviços domésticos ...	16,1	21,7	18,6	(1)-	1,4	0,6

FONTE: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais.
PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

NOTA: 1. Foram selecionados apenas alguns ramos de atividade da indústria e dos serviços, o que explica por que o total do setor é diferente da soma dos ramos de atividade apresentados.

2. Optou-se por não mostrar os dados da construção civil, devido à baixa presença feminina.

(1) A amostra não comporta desagregação para essa categoria.

Em relação aos ramos de atividades do setor serviços nas três regiões metropolitanas, há maior incidência da presença de mulheres nos ramos de educação e saúde, apresentando significativos percentuais, que variam entre 12,1% (Salvador) e 6,6% (São Paulo) na educação e em torno de 7% na saúde. As atividades de ambos os ramos envolvem cuidados com crianças ou doentes, o que faz com que a mulher reproduza no ambiente de trabalho o papel que desempenha na família. Ainda nas três regiões, no ano 2001 a presença das mulheres é significativa nos serviços de administração e utilidades públicas, destacando-se o percentual de 8,4% das ocupadas em Salvador. Já nos serviços de alimentação, o percentual de ocupação feminina varia entre 5,1% e 7,7% nas três regiões. Nos serviços creditícios, o índice de mulheres ocupadas apresenta-se em menor proporção: 1,8% em Salvador e Porto Alegre e 2,7% em São Paulo.

1.1 - A desigualdade nos rendimentos de mulheres e homens ocupados

Os rendimentos percebidos pelas mulheres são sistematicamente menores que os dos homens. Nas três regiões analisadas, considerando-se a população feminina trabalhando nos setores serviços, serviços domésticos e comércio, o menor rendimento médio real ocorre em Salvador, enquanto, na indústria, a ocorrência dos mais baixos salários é verificada em Porto Alegre. Os maiores salários pagos estão na Região Metropolitana de São Paulo. No entanto, essa é uma das regiões que apresenta o custo de vida mais elevado do País. Vale ressaltar, ainda, os baixos rendimentos oriundos do trabalho doméstico, bem inferiores ao patamar praticado nos demais setores (Tabela 2).

Tabela 2

Rendimento médio real, por hora, das mulheres ocupadas, segundo os setores de atividade, em regiões metropolitanas selecionadas — 2001

	(R\$)		
SETORES DE ATIVIDADE	PORTO ALEGRE	SALVADOR	SÃO PAULO
Indústria	2,51	3,11	3,77
Comércio	2,66	2,10	3,14
Serviços	4,50	3,83	5,36
Serviços domésticos	1,76	0,86	2,11

FONTE: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais.

PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

NOTA: 1. Valores em reais de jun./02.

2. Inflator utilizado: IPC-SEI/BA, ICV-DIEESE/SP e IPC-IEPE.

3. Excluídos os ocupados e os empregados domésticos que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

4. Excluídos os ocupados que não trabalharam na semana.

Quanto ao diferencial entre os rendimentos dos homens e os das mulheres por setor e ramos de atividade, constata-se que a defasagem é menor no setor serviços, nas três regiões analisadas. Esse indicador apresenta-se mais elevado no setor comércio e bastante mais significativo na indústria. Ao longo do tempo, tanto em São Paulo quanto em Porto Alegre, essa disparidade tem se reduzido de forma lenta, porém ainda falta um longo percurso para a conquista da igualdade de rendimentos.

Tabela 3

Proporção do rendimento médio real, por hora, das mulheres ocupadas em relação ao dos homens ocupados, segundo os ramos de atividade, em regiões metropolitanas selecionadas — 2001

SETORES E RAMOS DE ATIVIDADE	PORTO ALEGRE	SALVADOR	SÃO PAULO
Indústria	60,5	64,3	61,1
Metal-mecânica	(1)-	(1)-	67,7
Química e borracha	(1)-	(1)-	(1)-
Vestuário e têxtil	65,0	(1)-	60,1
Alimentação	(1)-	(1)-	(1)-
Comércio	78,0	76,8	82,1
Serviços	94,3	96,3	92,8
Limpeza	69,8	80,3	65,9
Administração e utilidades públicas	105,0	106,8	101,4
Credícios	(1)-	(1)-	64,4
Alimentação	78,4	83,2	76,1
Educação	(1)-	(1)-	(1)-
Saúde	(1)-	(1)-	(1)-

FONTE: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais.
PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

NOTA: 1. Inflator utilizado: IPC-SEI/BA, ICV-DIEESE/SP e IPC-IEPE.

2. Excluídos os ocupados e os empregados domésticos que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

3. Excluídos os ocupados que não trabalharam na semana.

(1) A amostra não comporta desagregação para essa categoria.

No complexo metal-mecânico, na Região Metropolitana de São Paulo, as mulheres receberam cerca de 67,7% do salário dos homens no ano 2001.

Na indústria têxtil e de vestuário, na qual se encontra a maior concentração da população feminina, a proporção dos salários pagos às mulheres comparativamente aos dos homens é de 60,1% (São Paulo) e de 65,0% (Porto Alegre), sendo, portanto, maior do que o registrado na metal-mecânica. Em São Paulo, os salários femininos tornaram-se menos desiguais, pois, em 1989, esse percentual era de 51,7%.

O setor serviços apresenta um comportamento diferenciado: na média do setor, as mulheres recebem entre 92,8% (São Paulo) e 96,3% (Salvador) dos rendimentos dos homens. Em todas as regiões analisadas, a remuneração feminina no ramo administração e utilidades públicas é maior do que a masculina, alcançando 5% a mais em Porto Alegre e 6,8% em Salvador. Nos serviços de alimentação, em contrapartida, os rendimentos das mulheres apresentam-se inferiores aos dos homens nas três regiões metropolitanas, sendo observado em São Paulo o menor percentual (76,1%) — Tabela 4.

Tabela 4

Proporção dos ocupados, dos assalariados do setor privado e dos autônomos, segundo o sexo e o setor de atividade, em regiões metropolitanas selecionadas — 2001

SETORES DE ATIVIDADES	PORTO ALEGRE			SALVADOR			SÃO PAULO		
	Total de Ocupados (1)	Assala- riados (2)	Autô- nomos	Total de Ocupados (1)	Assala- riados (2)	Autô- nomos	Total de Ocupados (1)	Assala- riados (2)	Autô- nomos
Mulheres									
Indústria	100,0	83,0	11,0	100,0	77,7	(3)-	100,0	74,5	20,4
Comércio	100,0	58,2	22,3	100,0	50,9	38,6	100,0	59,8	28,2
Serviços	100,0	46,1	15,8	100,0	43,1	21,3	100,0	52,1	19,1
Homens									
Indústria	100,0	86,1	7,2	100,0	76,7	11,7	100,0	86,0	8,6
Comércio	100,0	58,9	21,6	100,0	55,7	31,2	100,0	55,2	32,2
Serviços	100,0	44,5	27,7	100,0	52,2	21,2	100,0	51,7	28,6

FONTE: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais.

PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

(1) O total de ocupados feminino e masculino refere-se à soma de assalariados do setor privado, autônomos e outras categorias não apresentadas na tabela. (2) Exclui os assalariados do setor público e os empregados domésticos mensalistas. (3) A amostra não comporta desagregação para essa categoria.

Os rendimentos recebidos pelas mulheres no ramo serviços creditícios, para a Região Metropolitana de São Paulo, caíram ao longo do tempo (R\$ 10,09 por hora em 1989 para R\$ 9,17 em 2001), enquanto os dos homens apresentaram pequeno crescimento (R\$14,03 em 1989 para R\$14,24 em 2001), ampliando o diferencial entre os sexos: em 2001, os salários femininos equivaliam a 64,4% daquele auferido pelos homens; em 1989, 71,9%.

1.2 - As formas de contratação de trabalho feminino nos diferentes setores e ramos de atividade econômica do segmento privado

No mercado de trabalho brasileiro, em todos os setores de atividade e independentemente de sexo, tem ocorrido a precarização das relações de trabalho como fruto do baixo crescimento da economia na década de 90, das altas taxas de desemprego e de sua permanência em patamares elevados. Nesse período, verificam-se, ainda, um agravamento das condições de trabalho via extensas jornadas, queda do poder aquisitivo, modificações na legislação trabalhista, dentre outros fatores. Essa precarização revela-se, dentre outras formas, através da redução do número de assalariados e do aumento de trabalhadores autônomos nos três grandes setores de atividade econômica.

Ainda assim, em sua grande maioria, as mulheres são assalariadas do setor privado com carteira assinada em todos os setores e ramos de atividade, embora apresentem percentuais inferiores aos masculinos.

No setor de atividade do segmento privado, o tipo de inserção da mulher mostra-se variável. Em São Paulo, 20,4% das mulheres ocupadas na indústria são autônomas, enquanto apenas 8,6% dos homens estão nessa condição. Já em Porto Alegre, 11,0% das mulheres e 7,2% dos homens são autônomos (Tabela 4).

Mais da metade das mulheres e dos homens que trabalham no comércio são assalariados do setor privado, e o percentual de autônomos é mais elevado do que na indústria, englobando 38,6%, 28,2% e 22,3% das mulheres desse setor em Salvador, São Paulo e Porto Alegre respectivamente.

No setor serviços, as mulheres assalariadas do setor privado, em relação ao total ocupado, oscilam entre 43,1% (Salvador) e 52,1% (São Paulo). Em comparação, existe maior número de autônomos do sexo masculino, considerando o total de ocupados nesse setor, com percentuais superiores aos femininos, exceto em Salvador, onde se observa relativa semelhança entre as taxas.

A contratação com carteira de trabalho assinada, que assegura o recebimento de benefícios sociais como FGTS, previdência social, férias e 13º salário, predomina em todos os setores, apesar do crescente assalariamento sem carteira assinada.

Na indústria, em todas as regiões metropolitanas, há um alto percentual de mulheres assalariadas do setor privado com carteira de trabalho assinada, atingindo 83,0% em Porto Alegre, taxa que realça a qualidade do emprego industrial. Já as mulheres sem carteira assinada são 18,6% em São Paulo, o maior índice entre as três regiões analisadas. Assim como as mulheres, a grande maioria dos homens ocupados na indústria tem vínculo formal de trabalho (Tabela 5).

Tabela 5

Proporção dos ocupados na indústria de transformação, dos assalariados no setor privado e dos assalariados com carteira assinada, segundo o sexo e o ramo de atividade em regiões metropolitanas selecionadas — 2001

SETORES E RAMOS DE ATIVIDADE	PORTO ALEGRE		SALVADOR		SÃO PAULO	
	Assalariados no Setor Privado	Com Carteira	Assalariados no Setor Privado	Com Carteira	Assalariados no Setor Privado	Com Carteira
MULHERES						
Indústria	83,0	72,3	77,7	63,6	75,4	56,8
Metal-mecânica	92,8	82,9	(1)-	(1)-	91,1	76,9
Química e borracha	94,2	85,6	91,0	82,0	77,1	66,2
Vestuário e têxtil	81,6	70,1	82,8	67,8	65,1	40,5
Alimentação	93,2	83,7	(1)-	(1)-	82,5	68,9
HOMENS						
Indústria	86,1	75,7	76,7	61,9	86,0	70,7
Metal-mecânica	88,0	77,8	79,4	64,6	91,1	77,2
Química e borracha	92,2	84,5	78,6	73,8	90,9	81,2
Vestuário e têxtil	88,4	77,9	(1)-	(1)-	76,7	58,7
Alimentação	92,6	83,4	88,6	63,8	90,6	77,9

FONTE: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais.

PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

NOTA: 1. Exclui os assalariados do setor público e os empregados domésticos mensalistas.

2. Em Porto Alegre e Salvador, a proporção de mulheres assalariadas sem carteira não é expressiva estatisticamente.

3. Optou-se por não apresentar os dados de assalariados sem carteira assinada para Porto Alegre e Salvador, pois não têm significância estatística.

(1) A amostra não comporta desagregação para essa categoria.

A maior presença masculina na indústria garante uma inserção mais segura, uma vez que, nesse setor, se encontra, tradicionalmente, o maior número de empregos com vínculo formal de trabalho, além de maior atuação sindical. Comparando as regiões selecionadas, constata-se que, em Porto Alegre, há maior assalariamento com carteira de trabalho assinada em todos os ramos. Esse fato se faz presente tanto para homens quanto para mulheres, ainda que, entre as últimas, os percentuais se apresentem em patamares ligeiramente inferiores. Considerando os vários ramos industriais, observa-se que justamente no ramo têxtil e de vestuário, no qual está inserida a maior parcela de mulheres industriárias, a proporção de assalariamento regulamentado é menor. Em São Paulo, por exemplo, 65,1% das mulheres ocupadas nesse ramo são assalariadas do setor privado, sendo que apenas 24,6% possuem seu contrato de trabalho registrado em carteira.

No comércio, mais da metade das ocupadas são assalariadas, e a proporção de autônomas apresenta-se maior em Salvador (38,6%) e menor em Porto Alegre (22,3%) (Tabela 6).

A proporção de mulheres autônomas ocupadas no setor serviços é inferior a 20% em São Paulo e em Porto Alegre, atingindo 21,3% em Salvador. Com relação às assalariadas do setor privado, registra-se em São Paulo a maior taxa (52,1%); e a menor, em Salvador (43,1%). Comparando as três regiões, observa-se maior percentual de assalariamento nos serviços creditícios, de saúde e de alimentação em São Paulo (51,0%) e em Porto Alegre (62,2%). Em Salvador, mais da metade das mulheres ocupadas nesse ramo trabalha como autônoma (Tabela 6).

A proporção de mulheres com carteira assinada em relação ao total de assalariadas do comércio é superior a 74,1% em Salvador, alcançando 83,5% em Porto Alegre. Nos serviços, esse percentual é um pouco inferior ao observado no comércio, atingindo mais de 70,0% nas três regiões analisadas, alcançando até 79,0% em Porto Alegre (Tabela 7).

Tabela 6

Proporção de mulheres ocupadas no comércio e em serviços, segundo os ramos de atividade, em regiões metropolitanas selecionadas — 2001

SETORES E RAMOS DE ATIVIDADE	(%)					
	PORTO ALEGRE		SALVADOR		SÃO PAULO	
	Assalariadas	Autônomas	Assalariadas	Autônomas	Assalariadas	Autônomas
Comércio	58,2	22,3	50,9	38,6	59,8	28,2
Serviços	46,1	15,8	43,1	21,3	52,1	19,1
Limpeza	44,2	47,6	29,1	67,9	56,0	41,6
Administração e utilidades públicas ...	15,8	(1)-	18,0	(1)-	23,8	(1)-
Creditícios	53,6	(1)-	71,1	(1)-	87,1	(1)-
Alimentação	62,2	16,3	35,5	50,3	51,0	31,9
Educação	29,7	(1)-	35,6	9,2	32,3	(1)-
Saúde	56,0	(1)-	56,6	(1)-	54,3	(1)-

FONTE: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais.

PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

NOTA: Excluídos os assalariados do setor público e os empregados domésticos mensalistas.

(1) A amostra não comporta desagregação para essa categoria.

Tabela 7

Proporção de mulheres assalariadas do setor privado, segundo a natureza do vínculo empregatício e os ramos de atividade, em regiões metropolitanas selecionadas — 2001

SETORES E RAMOS DE ATIVIDADE	(%)					
	PORTO ALEGRE		SALVADOR		SÃO PAULO	
	Com Carteira	Sem Carteira	Com Carteira	Sem Carteira	Com Carteira	Sem Carteira
Comércio	83,5	16,5	74,1	25,9	74,4	25,6
Serviços	79,0	21,0	71,5	28,5	73,3	26,7
Limpeza	88,2	(1)-	83,2	(1)-	87,0	(1)-
Administração e utilidades públicas	88,0	(1)-	80,0	(1)-	87,4	(1)-
Creditícios	83,2	(1)-	90,6	(1)-	93,5	(1)-
Alimentação	77,8	22,2	48,2	51,8	53,9	46,1
Educação	81,5	(1)-	67,7	32,3	85,1	(1)-
Saúde	88,0	(1)-	84,0	(1)-	78,8	21,2

FONTE: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais.

PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

NOTA: Excluídos os assalariados do setor público e os empregados domésticos mensalistas.

(1) A amostra não comporta desagregação para essa categoria.

No ramo serviços de limpeza, o percentual de mulheres que possuem carteira de trabalho assinada é menor em Salvador, onde 83,2% das assalariadas do setor privado estão alocadas nesse ramo, enquanto, em Porto Alegre, se encontra o maior percentual (88,2%). Já no ramo de serviços administração e utilidades públicas, onde se registraram maiores salários para as mulheres em relação aos homens, a quantidade de mulheres trabalhando com carteira assinada em relação ao total de assalariadas do setor privado nesse ramo é superior a 80%.

Nos serviços creditícios, há maior número de mulheres com carteira assinada, lembrando que a participação feminina no setor ainda é bem reduzida. Na Região Metropolitana de São Paulo, cerca de 93,5% das mulheres ocupadas nos serviços creditícios possui carteira de trabalho assinada; em Salvador, essa taxa é de 83,2%. Nos serviços da saúde, o assalariamento feminino com carteira assinada apresenta-se também relativamente alto, com uma taxa acima de 78,8% em todas as regiões.

Nos serviços de alimentação, a proporção de mulheres assalariadas com carteira de trabalho apresenta-se mais alta em Porto Alegre, englobando cerca de 77% das assalariadas do setor privado. Em Salvador, 51,8% das mulheres, mais da metade, não possuem carteira de trabalho assinada. Em São Paulo, esse percentual atinge 46,1% entre as ocupadas no setor.

A ocupação autônoma é sempre uma inserção frágil no mercado de trabalho pela falta de benefícios e de direitos trabalhistas, garantidos na contratação com vínculo formal. Prestando serviço para entidades públicas, os autônomos encontram-se em situação de maior vulnerabilidade dentre os que prestam serviços para empresas, onde os ocupados, ainda que trabalhando por conta própria, dependem do dinamismo da empresa e do setor econômico ao qual esta pertence. Em contrapartida, os autônomos que trabalham para o público estão

sujeitos às flutuações da economia e, em última instância, à capacidade de consumo dos agentes econômicos. Se, de uma forma geral, os rendimentos desses agentes caem, tal como se observou ao longo da década de 90, os autônomos prestadores de serviços para o público tendem a ter maior deterioração de sua renda e menores oportunidades de trabalho.

A maior parte das mulheres autônomas, nos setores comércio e serviços, trabalha para o público, o que também ocorre com os homens, como aponta a Tabela 8. Esse percentual atinge 90,9% das mulheres trabalhando por conta própria em Salvador, no comércio.

Na indústria, a situação inverte-se em relação a homens e mulheres. Na Região Metropolitana de São Paulo, a única onde podem ser observados todos os dados, um maior percentual de autônomas (77,9%) exerce sua atividade para a empresa, enquanto 22,1% trabalha para o público.

Tabela 8

Distribuição de autônomos mulheres e homens que trabalham para empresa ou para público, por setores de atividade, em regiões metropolitanas selecionadas — 2001

SETORES DE ATIVIDADE	PORTO ALEGRE		SALVADOR		SÃO PAULO	
	Para Público	Para Empresa	Para Público	Para Empresa	Para Público	Para Empresa
Mulheres						
Indústria	(1)-	69,1	(1)-	(1)-	22,1	77,9
Comércio	83,4	(1)-	90,9	(1)-	68,1	31,9
Serviços	75,9	24,1	85,4	14,6	72,3	27,7
Homens						
Indústria	50,0	50,0	66,7	(1)-	34,9	65,1
Comércio	65,3	34,7	79,2	20,8	66,8	33,2
Serviços	71,5	28,5	75,9	24,1	60,5	39,5

FONTE: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais.

PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

(1) A amostra não comporta desagregação para essa categoria.

2 - O perfil das mulheres ocupadas por setor de atividade

O perfil das mulheres ocupadas nos setores de atividade econômica é heterogêneo no que se refere à idade, ao nível de escolaridade e à posição dentro da família nas três regiões analisadas.

Em Porto Alegre, as mulheres ocupadas na indústria concentram-se na faixa de idade entre 25 e 30 anos, representando 48,2% do total feminino empregado nesse setor. Na indústria, também há maior predominância das mulheres dessa mesma faixa etária, correspondendo a 46,5% em Salvador e a 45,7% em São Paulo. Note-se que a taxa total de participação das mulheres nesse setor é de apenas 5,0% em São Paulo e de 1,5% em Salvador.

As mulheres ocupadas no comércio concentram-se na faixa de idade entre 25 e 30 anos, embora o percentual seja menos significativo do que o verificado na indústria, o que traduz maior paridade na distribuição de mulheres entre as várias faixas etárias. Em Porto Alegre, cerca de 30% das mulheres ocupadas no comércio tem entre 10 e 24 anos; 39,2% possui entre 25 e 30 anos; enquanto 31,2% está na faixa dos 40 anos e mais. São Paulo apresenta um percentual semelhante; em Salvador, observa-se uma concentração maior de mulheres na faixa de 25 a 30 anos, representando um percentual de 44,0%.

No setor serviços, que conta com alta participação feminina, observa-se que, em Porto Alegre, estão ocupadas em maior número as mulheres nas faixas etárias de 25 a 30 anos (38,9%) e 40 anos e mais (41,9%). Salvador apresentou o menor percentual de mulheres na faixa de 10 a 24 anos (17,5%). Tanto em Salvador quanto em São Paulo, cerca de 42% das mulheres ocupadas no setor possuem entre 25 e 30 anos de idade. Há, ainda, o expressivo percentual referente às mulheres de 40 anos e mais (Tabela 9).

Tabela 9

Distribuição das mulheres ocupadas, segundo os setores de atividade e a faixa etária, em regiões metropolitanas selecionadas — 2001

SETORES DE ATIVIDADE	PORTO ALEGRE			SALVADOR		
	10 a 24 Anos	25 a 30 Anos	40 Anos e Mais	10 a 24 Anos	25 a 30 Anos	40 Anos e Mais
Indústria	24,2	48,2	27,6	18,8	46,5	34,7
Comércio	29,6	39,2	31,2	26,2	44,0	29,8
Serviços	19,2	38,9	41,9	17,5	42,5	40,0
Serviços domésticos ...	13,1	36,0	50,9	33,9	39,5	26,6

SETORES DE ATIVIDADE	SÃO PAULO		
	10 a 24 Anos	25 a 30 Anos	40 Anos e Mais
Indústria	25,7	45,7	28,6
Comércio	34,3	38,4	27,3
Serviços	22,9	42,1	35,0
Serviços domésticos ...	19,4	42,5	38,1

FONTE: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais.

PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Um dos setores que apresenta marcante presença feminina é o serviços domésticos. O perfil etário das trabalhadoras domésticas em Porto Alegre faz-se ressaltar pelo alto percentual de mulheres com 40 anos e mais (50,9%), bem como pela mais reduzida presença de mulheres entre 10 e 24 anos de idade (13,9%). Em Salvador, por sua vez, os números são totalmente distintos dos verificados em Porto Alegre, apresentando grande percentual de mulheres entre 10 e 24 anos de idade (33,9%) nos serviços domésticos. Em São Paulo, existe um certo equilíbrio entre a proporção de mulheres empregadas nos serviços domésticos na faixa de 25 a 30 anos e 40 anos e mais, apresentando taxas de 42,5% e 38,1% respectivamente. Há um movimento diferenciado nos tipos de inserções das mulheres não apenas dentro de cada região, mas também entre as regiões. Em Porto Alegre, região com uma alta taxa de escolarização, o fato de as mulheres mais velhas não apresentarem o mesmo grau de escolaridade que as jovens se reflete sobre a inserção destas no mercado de trabalho, levando-as a ocupar postos mais precários do que as jovens escolarizadas.

Um olhar sobre a distribuição das mulheres ocupadas por setor de atividade segundo a posição no domicílio ajuda-nos a compreender a necessidade imposta às mulheres de se colocarem no mercado de trabalho, muitas vezes para complementar a renda da família. Na indústria verifica-se maior proporção de mulheres no papel de cônjuge, destacando-se o percentual de Porto Alegre (57,2%), seguido de São Paulo (42,8%) e Salvador (42,1%). Já as mulheres qualificadas como chefes dos domicílios participam, na indústria, com taxas que variam de 16,9% em Porto Alegre e 25,2% em Salvador. Em São Paulo, o percentual de trabalhadoras na posição de filhas é o mais elevado dentre as três regiões, 31,6% (Tabela 10).

Tabela 10

Distribuição das mulheres ocupadas por ramo e posição no domicílio, em regiões metropolitanas selecionadas — 2001

SETORES DE ATIVIDADE	(%)								
	PORTO ALEGRE			SALVADOR			SÃO PAULO		
	Chefe	Cônjuge	Filho	Chefe	Cônjuge	Filho	Chefe	Cônjuge	Filho
Indústria	16,9	57,2	20,9	25,2	42,1	24,2	18,3	42,8	31,6
Comércio	15,2	53,3	26,0	20,0	41,8	28,4	13,8	44,8	33,5
Serviços	23,8	49,0	22,0	25,7	40,5	25,4	20,3	44,2	29,4
Serviços do- mésticos	27,8	51,4	11,0	20,4	28,6	13,7	25,4	45,0	10,8

FONTE: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais.
PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Comércio e serviços apresentam movimentos semelhantes quanto à estrutura de ocupação, segundo a posição nas regiões. Para o primeiro setor, verifica-se que as chefes de domicílio possuem as menores taxas de participação, enquanto as cônjuges possuem as taxas mais altas. Em São Paulo, 33,5% das mulheres ocupa a posição de filhas, enquanto, em Porto Alegre e Salvador, as taxas são de 26,0% e 28,4% respectivamente. No setor serviços, as mulheres cônjuges são a maioria e representam entre 40,5% e 49,0% do total feminino que está alocado nesse setor para as três regiões analisadas. Tanto as chefes de domicílio quanto as filhas se apresentam em menor proporção, com taxas que variam entre 20% e 30%.

As mulheres que ocupam a posição de chefes de família, inseridas nos serviços domésticos, apresentam taxas entre 27,8% (Porto Alegre) e 20,4% (Salvador). Entretanto a grande maioria das mulheres alocadas no emprego doméstico ocupa a posição de cônjuges, com alta probabilidade de estar complementando a renda familiar: em Porto Alegre, 51,4% das domésticas são cônjuges, enquanto em São Paulo esse percentual é de 45% e, em Salvador, de 28,6%. As filhas aparecem como domésticas em menor número, refletindo percentuais de 13,7% em Salvador, 11% em Porto Alegre e 10,8% em São Paulo (Tabela 10).

Nas três regiões, a análise da distribuição das mulheres ocupadas por setores de atividade, segundo o grau de instrução, permite verificar que, na indústria, as trabalhadoras estão concentradas em dois níveis de instrução: o ensino fundamental incompleto e o médio incompleto. Nas demais faixas, a proporção é bem menor.

Em Porto Alegre, as mulheres com o ensino fundamental incompleto perfazem 49,1% do total da indústria e, com o ensino médio completo, perfazem 19,5%. O mesmo movimento de distribuição da indústria foi detectado no comércio e em serviços, onde as mulheres com o fundamental incompleto somam 24,3% e 20,1% respectivamente. Já as que possuem o ensino médio incompleto participam com 38,3% no comércio e com 26,9% nos serviços. Nessa região, ainda, grande parte das domésticas possui baixa escolaridade: 69,8% cursou apenas o ensino fundamental incompleto, e apenas 7,2% completou o ensino médio.

Tabela 11

Distribuição das mulheres ocupadas por setor e grau de instrução,
em regiões metropolitanas selecionadas — 2001

SETORES DE ATIVIDADE	ANALFABETO	FUNDAMENTAL INCOMPLETO (1)	FUNDAMENTAL COMPLETO	ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	ENSINO MÉDIO COMPLETO	ENSINO SUPERIOR (2)
Porto Alegre						
Indústria	(3)-	49,1	14,5	6,0	19,5	9,9
Comércio	(3)-	24,3	14,5	10,5	38,3	11,8
Serviços	(3)-	20,1	10,2	6,6	26,9	35,3
Serviços domésticos	(3)-	69,8	13,6	5,3	7,2	(3)-
Salvador						
Indústria	(3)-	24,3	(3)-	(3)-	42,4	(3)-
Comércio	(3)-	22,8	10,1	9,4	47,7	8,0
Serviços	1,8	17,9	6,5	6,5	38,9	28,4
Serviços domésticos	8,3	65,2	9,7	7,9	8,8	(3)-
São Paulo						
Indústria	(3)-	31,3	13,7	8,2	28,9	15,7
Comércio	(3)-	26,0	13,8	10,3	36,9	10,4
Serviços	1,8	22,5	9,3	6,7	29,5	30,2
Serviços domésticos	8,6	65,8	11,2	5,2	8,6	(3)-

FONTE: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais.

PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

(1) Inclui alfabetização sem escolarização. (2) Inclui ensino superior incompleto e ensino superior completo. (3) A amostra não comporta a desagregação para essa categoria.

Em Salvador, a maioria das mulheres empregadas na indústria (42,4%) completou o ensino médio, e 24,3% possui o ensino fundamental incompleto. Esse mesmo quadro foi verificado para as ocupadas no comércio e nos serviços. Na indústria, verifica-se que 47,7% das mulheres possui o ensino médio completo e 22,8% o fundamental incompleto, enquanto no setor serviços, 38,9% possui o ensino médio incompleto e 17,9% o fundamental incompleto. Ainda em Salvador, o emprego doméstico é constituído por trabalhadoras com baixa escolaridade: as analfabetas ou com o ensino fundamental incompleto perfazem 73,5% do total de domésticas.

Em São Paulo, 31,3% das mulheres ocupadas na indústria cursou, sem completar, o ensino fundamental, enquanto 28,9% possui o ensino médio completo. No comércio, a proporção é de 26% para o fundamental incompleto e de 36,9% para o ensino médio completo. Em relação ao setor serviços, destaca-se o alto percentual de mulheres que chegou até o curso superior (30,2%) ou que terminou o ensino médio (29,5%). Como nas demais regiões, nos serviços domésticos cerca de 75% das trabalhadoras é analfabeta ou não terminou o ensino fundamental.

Considerações finais

Os dados analisados flagram alguns fenômenos em curso que se definem, por um lado, pela maior permeabilidade da participação das mulheres no mercado de trabalho e, por outro, pela precariedade dessa participação.

Via de regra, o maior acesso das mulheres ao mercado de trabalho ofereceu poucas mudanças no padrão de domínio masculino dos postos de trabalho na indústria, enquanto os ramos ou setores de atividade que as absorveram de forma mais expressiva as recompensaram com baixos rendimentos e com inserções em atividades mais precárias do que as desenvolvidas pelos homens. Em contrapartida, os setores comércio e serviços mostraram-se menos refratários à participação feminina, intensificando sua absorção com resultados, porém, nem sempre positivos, dada a baixa remuneração e a pouca qualidade de grande parte das ocupações geradas.

Em relação à incorporação e/ou à expulsão das mulheres nos ramos e nos setores de atividade intra e inter-regiões, existe um amplo espectro de diferenciação que ocorre entre as mesmas, quando são observados os padrões de inserção e o perfil dos trabalhadores nos ramos e nos setores de atividade, nas três regiões metropolitanas analisadas — São Paulo, Porto Alegre e Salvador.

Assim, é necessário considerar que o setor industrial ocupa uma posição de destaque em São Paulo, diante da relevância do número de mulheres inseridas nesse setor. Entretanto a redução do volume de emprego na indústria alterou substancialmente o tipo de vínculo em que se incluem homens e mulheres, mantendo, ainda, restrições grandes à participação das mulheres. Essas restrições parecem ter adquirido, também, novas faces a partir do processo de reestruturação que as indústrias brasileiras vivenciaram, ficando a mulher relegada aos piores postos de trabalho, com as condições de contratação mais precárias e os menores rendimentos, pois o percentual dos rendimentos das mulheres, quando comparado ao dos homens, ainda é elevado. Dessa maneira, embora seja o setor industrial o que melhores condições oferece aos trabalhadores, o mesmo não se aplica às mulheres, pois estas, quando aceitas, não chegam a usufruir os mesmos “benefícios” que os homens, a exemplo do que ocorre em São Paulo, Porto Alegre e Salvador, onde as mulheres recebem cerca de 60% do que recebem os homens.

A diversidade é uma característica importante das regiões analisadas nos setores e ramos destacados. Encontramos um conjunto heterogêneo de padrões de inserção nos perfis de trabalhadores empregados e um grande diferencial nos padrões de remuneração. Nas regiões, o setor serviços foi o que apresentou as menores diferenciações de rendimentos entre homens e mulheres, entretanto foi também o setor com o menor patamar de remuneração.

No que se refere ao perfil dos trabalhadores, também se constata a heterogeneidade, pois se alteram conforme a região e o setor. Assim, se, em Salvador, as trabalhadoras empregadas nos serviços domésticos são as mais jovens na faixa de 10 a 24 e de 25 a 30 anos; em Porto Alegre, as trabalhadoras empregadas desse setor são aquelas que estão acima dos 40 anos. Em São Paulo, a maior concentração está entre 25 e 30 e 40 anos e mais. Salvador é a região que apresentou o menor padrão salarial para esse grupo de trabalhadores. Na verdade, a exploração nesse setor não tem cor, sexo ou idade.

Os dados analisados comprovam que, embora tenha havido, ao longo dos últimos anos, um movimento de absorção e expulsão acentuado para as mulheres nos mercados de trabalho, com um comportamento variado, dependendo do setor de atividade, o resultado final é uma equação em que o saldo, de maneira geral, para as mulheres é ainda uma incógnita, pois, se, por um lado, a mulher galgou maior espaço nos mercados de trabalho urbanos, a exemplo do que ocorreu com São Paulo, Salvador e Porto Alegre, por outro, é ela também que se defronta com as maiores dificuldades — refletidas nas desigualdades de acesso aos postos de trabalho mais qualificados e nas baixas remunerações — e as condições de trabalho mais adversas, resultado de mecanismos de discriminação gerados dentro e fora das empresas.